FILHOS DO SERTÃO

FILHOS DO SERTÃO

David Alves



PARTE 2

FILHOS DO SERTÃO
Copyright © 2020 by David Alves

Diagramação
David Alves

Capa
David Alves

Revisão
David Alves

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Alves, David
Filhos do Sertão: Parte 2/ David Alves – 1ª ed.
Clube de Autores – Brasil, 2020.
308p.; 21cm

ISBN: 9798671698879

1. Literatura Brasileira
2. Romance Nordestino
1. Título

CDD B869

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

In memoriam de José João dos Santos, papai,
e Joana Maria da Conceição, Inhã.

Sim, papai, valeu a pena.

Prefácio

Antes de tudo, *Filhos do Sertão* é um livro de ficção.

Minha infância e minha adolescência foram marcadas pela presença ilustre de Joana Maria da Conceição, conhecida por Inhã. Uma senhorinha autêntica, cantora e contadora de histórias. Ouvi muitas histórias. Ouvi muitos sambas e muitas músicas de Coco, além de ganhar muitas notas de dois reais. Inhã nos deixou em 2015 aos 104 anos. Sua presença não está entre nós, mas seu legado jamais será esquecido. Eu não poderia escrever ao pé da letra todas as histórias que ouvi dela, mas com certeza me inspiraram expressivamente neste livro que é tão especial para minha vida pessoal e literária. Os personagens são minha homenagem a Inhã, papai, e parentes que eu não alcancei.

Meu pai, José João dos Santos, também contava muitas histórias. É claro que eu ouvia todas e guardava muitos fragmentos na minha memória. Infelizmente, ele também nos deixou em 2018 por causa de um câncer. Enquanto enfrentávamos a doença, entre um momento e outro, um dia parei para anotar todos os nomes de lugares e roças que ele citou para mim. Foi um momento especial, assim como tantos outros. Alguns nomes eram engraçados e ríamos diante das referências. Não coloquei todos no livro, mas os nomes de lugares e roças citados nas próximas páginas existiram.

Quanto aos nomes, são reais. Mas não comprometi ninguém vivo ou morto. Portanto, qualquer semelhança é mera coincidência. Todos os acontecimentos, atitudes, diálogos, são produtos de minha imaginação inspirados em tudo o que eu já ouvi, li e assisti.

A narração deste livro está de acordo com a Norma Padrão e o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nos diálogos, tomei a liberdade de agregar o sotaque nordestino. Percebe-se que alterei os verbos e substantivos terminados em *ar*, *er*, *ir* e *or*, com exceção do substantivo amor. Houve também mudanças estruturais em algumas palavras. Há um personagem que tem a característica de língua presa. Palavras com som de S, V, Ç foram trocadas por F.

A música cantada por Maroca possui o som de *Mulher Rendeira*, composi-

ção de Lampião. Criei apenas a letra em cima da música. O hino de Santa Maria Bonita *(santa fictícia)* também foi composto por mim e não possui som de qualquer música conhecida. Trata-se apenas de uma rima. A canção de amor de Duardo para Joaquina era cantada pelo marido de minha tia Doralice, Antônio de Emídio. De tanto ouvir minha tia Maria do Socorro de Jesus cantar, tive que colocá-la no livro. No casamento de uma das personagens, é cantado um samba de Coco enquanto os convidados pisoteiam o chão para firmar o piso do rancho. Costume antigo que eu não poderia deixar de mencionar.

O livro ultrapassou as 500 páginas no tamanho 11 da fonte. Por estratégia de baixo custo na tiragem, no conforto do leitor e no dinamismo da história, decidi dividi-lo.

Repito, é uma obra de ficção inspirada nas histórias que escutei. Minha homenagem ao Nordeste, ao Sertão, ao estado de Alagoas, a minha família.

Por conter relação sexual explícita, este livro não é recomendado para menores de 16 anos.

Se vosmecê encontrá a pexêra Bendita do capitão, largue a danada no munturo e fique longe. A mardita risca sua vida e leva vosmecê pra Caduco.

David Alves

Agosto, 2020

Rosinha

Não havia um dia que ela não chorasse de saudade. Aquela dor em seu coração dilacerava seu peito desde o dia em que Cisso atirara em Damião. Fora a última vez que vira seu amor.

Pureza lhe dissera para esperar o destino, mas ele estava demorando demais para trazer Cisso. Sua vontade era sumir da fazenda de seu pai e ir atrás dele de uma vez. Não se importaria com a desobediência ao seu pai, nem com a tristeza de sua mãe ao vê-la partir de seu aconchego. Precisava lutar contra o coronel para poder ser feliz com Cisso. Se demorasse mais um pouco, morreria de saudade.

Rosinha estava na janela do seu quarto olhando para a lua cheia. Pedia respostas a ela sobre Cisso. O que ele estava fazendo; se estava pensando nela; se morria de saudades assim como ela. A lua se recusava a responder.

Pureza lhe interrompeu batendo na porta do quarto:

—Sinhazinha? — Sua voz era calma. —Acabei de botá a janta na mesa.

Rosinha deu de ombros sem interesse. Pureza sabia que ela não tinha fome. Não queria alimentar seu estômago se não era alimentada pelo amor de Cisso. Era dele que ela tinha fome.

Virou-se para Pureza com os olhos marejados.

—Num tenho vontade de comê, Pureza.

—Vim antes do coroné mandá lhe chamá, minha bichinha.

Rosinha baixou os olhos, derrotada. Teria que ir contra sua vontade se não quisesse que o pai viesse lhe buscar e arrastá-la até a mesa. Tinha passado por isso quando Cisso e a família foram embora para Lagoa do Marruá. Sem ter motivos para viver, Rosinha se recusara a obedecer às ordens do pai. Sua

mãe tentara lhe convencer de que tudo iria ficar bem e que o coronel tinha feito a coisa certa para todo o mundo. Inconformada com tudo, Rosinha viu seu pai entrar no seu quarto portando um chicote de couro.

Desesperou-se, mas não obedeceu. Foi almoçar sob chicotadas e arrastada até a cozinha. Sua mãe chorava, desesperada, suplicando para que o marido parasse com aquilo. Nada podia fazer pela filha. Não podia desobedecer ao marido.

—Vosmecê num qué que ele venha lhe buscá, qué? — indagou pureza, lembrando-a do que já acontecera.

—Não. — Ela sussurrou.

Rosinha enxugou as lágrimas e acompanhou a criada. Quando chegou à cozinha, seu pai tinha acabado de entrar. Estava severo e retraído em si mesmo. Encarou-a com desprezo. Sentou-se à mesa, seguido de Virtuosa e Rosinha. Pureza serviu a janta.

—Logo, logo seu afiado Damião vai tá jantando com a gente — disse Virtuosa para tentar animar o marido. Um sorrisinho apareceu em sua boca fina.

—A raiva que me dá é proquê num matei aquele infeliz quando tive a oportunidade — confessara o coronel olhando de soslaio para a filha. Não era preciso entreolhá-lo para saber que era acusada por tudo o que vinha acontecendo na família.

—A curpa foi de Damião que...

—Cale a boca, Rosinha! — vociferou seu pai, interrompendo sua fala. — Num quero ouvi vosmecê falá de bem daquele desgraçado.

—Mas painho...

—Rosinha, — sua mãe lançou-lhe um olhar severo — num responda vosso pai.

Rosinha calou-se e remexeu a comida, inconformada.

—Tô perdendo a paciência com esse nosso assunto sobre aquele infeliz.

—O capataz que foi em Vila Bonita disse que foi uma mangação danada com a chegada do irmão da primêra-dama. — Virtuosa mudara de assunto para acalmar o marido. —Diz que chegô montado num jumento.

—Já mandei o capataz levá um recado pro prefeito — anunciou seu pai,

inexpressivo.

—Um recado? — perguntou Virtuosa, curiosa. Olhou para a filha que parara de comer para prestar atenção nas palavras do pai.

—Se o hômi fô um cabra direito, darei a mão de Rosinha pra ele.

Rosinha arregalou os olhos, enfurecida:

—Mas é nunca! É nunca que eu me caso com o irmão da primêra-dama.

—Fique calada, Rosinha! — O coronel bateu o punho na mesa. —Quem manda em vosmecê sô eu.

—Só me caso com Cisso, meu pai. Hômi nenhum me terá como esposa proquê o sinhô qué.

—Rosinha, num discuta com vosso pai — interpôs Virtuosa, nervosa.

—Tô cansada, mainha. Num vô fazê a vontade de meu pai. Num vô mermo. Eu num hei de casá com hômi nenhum que num seja Cisso.

O coronel socou a mesa, levantando-se.

—Vosmecê há de casá com o irmão da primêra-dama ou num me chamo Miguel Avelino Cavalcanti — sua voz soou como trovão.

Rosinha ficou atônita, respirando profundamente. Antes que pudesse replicar a loucura de seu pai, a voz de Damião irrompeu na cozinha:

—Apois eu é que num vô deixá Rosinha se casá com hômi nenhum, meu padinho.

Rosinha avistou a figura de Damião na porta. Sua mãe aproximava-se dele, preocupada:

—Damião? Que vosmecê tá fazendo aqui, hômi de Deus? Vai magoá a enfermidade. Pureza! Pureza, ajude essa criatura a vortá pro quarto.

—Quem vosmecê pensa que é pra contrariá minha palavra, Damião? — O coronel tinha se virado para o afilhado, furioso. —Me respeite que sô seu padinho.

Damião conteve-se.

—Lhe respeito muito, meu padinho. Mas num posso deixá que Rosinha se case com ninguém. Vosmecê sabe que eu amo vossa fia, quero me casá com ela.

—Quem decide o pretendente de Rosinha sô eu — vociferou Miguel. — Vorte pra seu quarto e vá se cuidá.

—Quem decide com quero me casá sô eu, meu pai — arrematou ela, enraivecida.

—Rosinha! — Era a voz de Cisso lhe chamando. Não podia ser! Ela devia estar ouvindo coisas. Seu coração se alegrou. Suas pernas tremeram que nem vara verde.

—É Cisso! — proferiu ela, trêmula.

—Cuma aquele desgraçado ousa vim na minha fazenda? — indagou-se o caoronel, enfurecido. —Mato ele é agora.

—Rosinha! — Cisso chamou-lhe novamente.

Ela não esperou para replicar o pai. Saiu desembestada para ver seu amado. Seu coração batia descompassado. Tremia-se toda por ouvir a voz de Cisso lhe chamando. Quanto mais se aproximava da voz, mais seu coração acelerava.

Parou quando avistou Cisso sobre um alazão. Estava acompanhado de Jacinto, seu irmão, e o sobrinho de Severina, Pedro Malavéa. Parecia preocupado e nervoso. Os capatazes de seu pai apontavam espingardas para os visitantes.

—Meu Cisso! — gritou ela com lágrimas nos olhos. Tinha dado dois passos quando ouvira o tiro vindo de suas costas. Parou e olhou para trás. Viu seu pai apontando uma pistola em direção aos três.

—Fique aonde tá! Mais um passo e atiro naquele fio duma égua!

Virou-se para Cisso sem se mexer.

—Rosinha, pelo amor de Deus, me diga que Doralice tá aí com vosmecê — suplicou seu amado, desesperado.

—Doralice? — Ela franziu a testa, preocupada. —Ela num chegô aqui não, Cisso.

—Conversa fiada, vô matá esse desgraçado por tê ousado vim na minha fazenda atrás de vosmecê — retrucou seu pai.

—Espere, coroné! — gritou Malavéa. —Tamos atrás de Doralice que vinha ontá a vossa fia pra lhe pedí um vestido pro casório de Duardo e Joaquina.

—Conversa de vestido, cabra! Esse desgraçado tá inventando conversa pra vim vê Rosinha. E vosmecê tá defendendo esse infeliz? Vai morrê também.

—Painho, tenha piedade — interveio Rosinha. —Num vê que Doralice de-

sapareceu? Se ela num chegô inté a fazenda é proquê aconteceu arguma coisa.

—Vamos simbora, Cisso! — disse Jacinto segurando firme na rédea do cavalo. —Se ela num chegô inté aqui tá perdida pela caatinga.

—Pare aí mermo, seu cabra — interrompeu o coronel. —Vosmecês num vão a lugá nenhum. Eu prometi a vosso irmão que quando nossos zóios se encontrassem novamente ele num ia vivê. Num sô hômi de descumpri minhas promessa.

—Entonce me mate, meu pai, mas dêxe Cisso em paz — sugeriu Rosinha pondo-se a frente do pai. —Num ia aguentá vê essa desgraça com ele.

—Rosinha, num faça essa bestêra — interveio sua mãe, aos prantos.

—Saia da minha frente, Rosinha — trovejou o coronel com a pistola em punho.

—Me mate, coroné, mas dêxe Jacinto e Malavéa irem atrás de Doralice — falou Cisso, confiante.

Rosinha encontrou os olhos de seu amado.

—Num faça isso, Cisso. — Ela desesperou-se. —Pelo amor que vosmecê tem a eu.

—Miguel, tenha piedade de Severina — suplicou Virtuosa. —Ela deve de tá doida sem a fia dênto de casa. Dêxe eles procurarem a moça, eu lhe peço. Doralice era muito amiga de Rosinha, gostava de vossa fia, decerto que vinha pedí um vestido pro casório de minha sobrinha Joaquina.

—Damião, num faça isso!

Rosinha viu o afilhado de seu pai aparecer na porta segurando uma pistola. Tinha ódio nos seus olhos. Não havia dúvidas de que ele queria matá seu Cisso naquela oportunidade.

—Corra, Cisso! — ordenou Rosinha sem esperar que Damião adiasse sua ação. Caminhou até o terreiro para fazer com que o amado fugisse da pistola do afilhado do coronel.

Cisso esporeava o cavalo quandos os tiros começaram a zunir. Ela abaixou-se vendo as fagulhas soltarem-se da pistola que Damião segurava. Os cavalos relincharam quando saíram em disparada.

Na escuridão da noite, iluminada apenas pela lua, ela chorou ao ver seu

amor partir. Não podia acreditar que ele tinha sido atingido, mas também não tinha certeza.

Seu coração sangrava.

Ajoelhada, deitou-se no chão beijando a terra seca enquanto implorava pela vida de seu amado.

Escolástica

Ainda não podia confessar a Maroca que tinha gostado de Maria Formosa. Sua criada era fuxiqueira e não lhe deixaria em paz se soubesse que ela tinha pegado estima pela filha de Herculano. Mas isso não queria dizer que ela fosse bajular a mulher só porque provara que amava o filho e estava apenas com o capitão porque foi carregada à força. Não queria ver seu filho correndo perigo por causa do amor que ela dizia sentir por ele.

—A senhora viu que ela gosta por demais de vosso fio — comentou Maroca, contente. Estava do outro lado da mesa bebericando seu café.

Tinham acabado de jantar e Zé tinha saído em seu cavalo atrás de sua sina. Escolástica ficara na cozinha enquanto a criada finalizava seus serviços da noite. Enquanto Maroca tomava seu café, ela dava baforadas em seu cachimbo.

—Tenho medo é pelo meu fio Zé. Se ela num tivesse na casa daquele demônio, num dizia nada, mas vosmecê acha que o capitão vai ficá manso quando soubé que é corno?

Escolástia acreditava que Maria Formosa pudesse amar seu filho. Era corajosa por amá-lo sendo que era a mulher do capitão. Não devia temer a morte mesmo sabendo que esse seria seu destino se um dia Raimundo descobrisse sua traição.

—Entonce vosmecê num tem nada contra a muié, Mãe Culaça — replicou Maroca, contente.

—Num disse isso, sua doida! — exclamara escolástica contra a felicidade de sua criada. —Vosmecê que tá dizendo. Só disse se ela num tivesse junto com aquele hômi, meu Zé podia vivê em paz.

Maroca pegou um pegador de alumínio quando viu a brasa do cachimbo de Escolástica se acabar. Foi até o fogão de lenha e trouxe a nova brasa para o cachimbo da velha.

—A senhora tá certa, Mãe Culaça — concordou, sentando-se. —Hômi quando descobre que é corno vira no Cão. Mata o amante da muié e depois dá cabo dela.

—Ainda bem que eu tive sorte — confessou Escolástica puxando seu cachimbo com maestria. A fumaça saía constantemente de sua boca como se fossem tiros de espingardas. —Fiz o que minha mãe tinha mandado.

Maroca arregalou os olhos para a patroa.

—A senhora botava enfeite na cabeça de Seu Fortunato?

—Me respeite, sua doida! Fortunato veio foi depois.

Ela viu um sorriso desabrochar nos lábios de Maroca.

—Mas eu num digo! A senhora se fazendo de beata viúva, mas gostava mermo era de pulá as cerca pra se encontrá com o amante.

—Só num pego meu bastão pra lhe dá na cabeça proquê tá longe.

Maroca parecia que não tinha juízo. Como é que tinha coragem de lhe falar umas coisas daquelas na sua frente?

—Oxente, se num era assim, cuma é que a senhora traía Seu Fortunato?

—Nunca traí Fortunato, que Deus o tenha! Havia um moço bonito e metido a besta que gostava de me cortejar quando eu e meus pais iam pra festa de Santa Maria Bonita.

—Ainda me alembro que a senhora era uma muié muito bonita quando eu vim pra cá pontá Seu Fortunato — interrompeu Maroca, contente pela lembrança.

—Escute e dêxe eu falá — repreendeu Escolástica, áspera.

—Entonce diga, muié — incitou Maroca, serena.

—O danado era galante e doido pra me seduzi. Mas eu era muié direita e num ia deixá moço metido a besta ficá de semodeza pra meu lado. Num dexava mermo.

Maroca riu.

—Logo se vê que a senhora devia sê muito enjoada quando nova.

—Escute, muié! — vociferou Escolástica.

—Mas a senhora deve de tê dado arguma ousadia pra ele.

—Dei, e dei muita. O hômi tinha um borogodó que me dexava doida do juízo. Num tinha um dia de novena que nóis num se encontrasse pra móde se amá.

—Entonce o xumbrego do hômi devia sê bom por demais.

—Dêxe de conversa besta que eu num vô falá sobre essas coisa, Maroca.

A criada gargalhou se remexendo no tamborete.

—Oxente, essa é que é a parte boa, Mãe Culaça!

—A parte ruim veio depois. — A voz de Escolástica se embargara. —O desgraçado do pai dele descobriu nossos encontro e queria impedí o fio de me encontrá. Dizia qu'eu era muié da vida, ramêra que num tinha pai nem mãe. Fiz o véio morrê do coração quando lhe disse que tava buchuda do fio dele.

—Buchuda? Entonce Zé num é fio de Fortunato? Valei-me Nossa Senhora, Mãe Culaça! — Maroca benzeu-se, abismada.

—Dêxe de sê destrambeiada. — A velha fez uma careta. —Esse primêro morreu assim que o desgraçado se casou com a tal da Joana.

—Misericórdia! Entonce foi por isso que a senhora num gostô quando Maria Formosa falô no nome da finada de Seu Chico. — Maroca parou um pouco para absorver a revelação. —Oxente, entonce foi com o bode véio que a senhora teve esse xumbrego todo quando era nova?

Escolástica tirou o cachimbo dos beiços e suspirou longamente. Ainda podia recordar de todas as vezes em que se deitara com Francisco. Das noites enluaradas. Do aconchego em seus braços. Das promessas de amor.

—Num me faça lembrá que me deitava com aquele gota! — Ela falou, enraivecida por tudo o que aquele desgraçado lhe fizera passar.

—Vôte diabo! A senhora e o bode véio tinham um caso antes de se casá com Seu Fortunato?

Quantas vezes tinha que dizer para aquela criada que ela tivera um enrosco com Francisco? Ainda não tinha acreditado?

—Ainda bem que encontrei Fortunato e ele me deu meu Zé.

Maroca murchou, observando a patroa com um olhar entristecido.

—A senhora deve tê ficado com o coração partido quando perdeu o primêro menino, num foi, Mãe Culaça?

Com o coração partido e sangrando. Não devia ter entregado seu filho nos braços daquele infeliz. Se ela tivesse conversado com Fortunato, ele entenderia e criaria seu primeiro filho. Mas tinha que obedecer a mãe e manter a honra quando Fortunato chegasse.

—O pió dia de minha vida, Maroca. Vosmecê num teve um fio pra sabê o que é isso.

—Num quero nem imaginá se vosso fio fosse vivo pra tê um irmão como o capitão Raimundo.

Escolástica bateu a mão enrugada na mesa.

—Num fale o nome dele dênto de minha casa, Maroca — ordenou, enfurecida.

—Num digo mais, Mãe Culaça!

Escolástica levantou-se e procurou o bastão na varanda. Se derramasse mais lágrimas na frente da criada, poderia acabar contando tudo sobre o segredo de sua vida. Ninguém poderia saber de nada. Já tinha contado coisas demais para Maroca.

Encontrou o bastão e firmou-se nele até chegar ao alpendre.

Viu a lua cheia iluminando suas terras. Aquela mesma lua tinha iluminado diversas noites os caminhos que a levavam até o bode velho, como dizia Maroca. Tantas vezes ela presenciara os amantes apaixonados, embriagados num desejo ardente, enquanto se agarravam à caatinga para não se largarem nunca.

Nelita

Do alto da janela do seu quarto, ela viu a entrada do bando na cidade. Liderado por Raimundo que disparava contra o céu, os mais de quinze homens se espalharam no centro entrando em casas e estabelecimentos abertos. A lua cheia iluminava Vila Bonita, mas eram os disparos dos cangaceiros que clareavam as ruas da cidade.

Imponentes em seus cavalos, os jagunços gritavam e sorriam à toa entrando e saindo das casas dos vilabonitenses. Gritos desesperados de moças e donas de casas se misturavam ao medo dos homens da cidade. Se dava tempo, fechavam as portas de seus bares e bodegas e se trancavam em seus interiores. Se não, permitiam que os cangaceiros levassem tudo o que quisessem. Pingas, rapaduras, cebolas, farinha, carnes de sol...

As pistolas e espingardas não paravam de cuspir fogo. Ouvia-se o grito do capitão Raimundo enquanto sorria de contentamento. Ele tinha vindo ver Nelita Berentina.

Assustou-se abruptamente quando Justino fechou a porta, desesperado.

—O hômi tá doido! Atirando pra tudo quanto é lado.

Justino estava com a testa salpicada de suor. Há muito tempo, antes de ela chegar a Vila Bonita, descobrira que o prefeito temia a fúria do cangaceiro. Sem coragem para enfrentar o capitão, Justino acatava a autoridade de Raimundo e dispunha de sua melhor hospitalidade.

—Seus eleitores já deviam ter se acostumado com o capitão — disse a primeira-dama levemente nervosa. —Me preocupo é com Afonso. Ele não conhece o poder do capitão Raimundo.

Afonso ainda não tinha chegado à mansão. Para falar a verdade, ele ficava

pouco tempo com Manuela Tereza e o prefeito Justino. Os bares eram seu lugar favorito, quando não estava cortejando alguma cabrita na rua.

—Vosso irmão num para dênto de casa, Nunu — o prefeitou estava risonho. —Pelo visto já deve tê arrumado argum rabo de saia.

—Vosmecê já o viu com alguma dona? — indagou ela aparentando um leve desinteresse.

—Não. Mas com aqueles zóios da cor do céu, num deve demorá.

—Só espero que ele não me arrume mais problemas.

—Amanhã é dia de visitá o coroné Miguézim. O hômi qué conhecê vosso irmão.

Manuela Tereza franziu o cenho.

—Por que tanto interesse em Afonso?

—Vosmecê já se esqueceu que o coroné tem a fia mais bonita desse sertão? Na certa qué casá a sinhazinha com argum pretendente de boa famía.

Rosinha era o nome da filha do coronel Miguelzinho. Uma moça farta de beleza e, se não fosse de família honrada, daria uma boa cabrita no Luxuê. Mas Afonso não era de boa família e nem iria se casar com ninguém.

—Afonso não é homem pra casar, Justino.

E nunca seria. Enquanto ela estivesse viva, nunca veria Afonso casando-se com mulher nenhuma. Não permitiria que isso acontecesse.

—Num diga isso inté ele conhecê a fia do coroné.

Mudaram de assunto quando ouviram o chamado de Severino. O secretário entrara bruscamente no quarto do casal limpando a testa suada.

—Foffa Effelênfia, o capitão tá botando medo no pofo de nofo — disse, arfando. —O delegado Cornélio e feuf fargento tão atirando contra. Ele num fai goftá diffo!

—O delegado tá fazendo a coisa certa, Severino. Num posso deixá meus eleitore inseguros. Uma hora Raimundo tem que pará de botá medo no povo.

O capitão Raimundo e seus jagunços já estavam na sala da mansão. Ouviram seus gritos de repreensão enquanto sugeria ver a presença do prefeito. Ameaçava atirar dentro da casa se não visse Justino.

Manuela Tereza saiu na frente para receber o capitão. Ele estava na sala

com metade dos cangaceiros que tinha trazido para a cidade. Sorria de contentamento quando cruzou os olhos com a primeira-dama.

O capitão tirou o chapéu de couro em seu respeito.

—Eita gota serena! Se a primêra-dama num fosse casada com esse frôxo aí, lhe carregava pra Péda Lascada e lhe mostrava o que é cabra macho.

Manuela Tereza sorriu enquanto estirava a mão direita para o capitão beijar. O bigode fez cócegas.

—Suas palavras me encantam, capitão.

Ele exibiu seus dentes amarelos, contente.

—Capitão Raimundo, seja bem-vindo a nossa humilde casa — comprimentou o prefeito, altivo. —Temo que tenha vindo com vossos cangaceiro pra levá arguma comida.

—Vofmefê fe furpreendera com os fargentos do delegado, capitão? — perguntou Severino.

Raimundo sacou a pistola, enfurecido. Apontou na direção do prefeito.

—Isso só pode tê sido obra do prefeito, num foi?

Justino engoliu em seco se desvencilhando da pistola.

—Num me leve a mal, capitão, mas o povo tava cobrando um policiamento de coragem pra trazê a segurança da cidade.

—E desde quando Vila Bonita precisa de hômi mais corajoso do que Raimundo Ferreira?

—Esqueceu de dizer capit... — disse Pinga-Fongo.

—Cale a boca, Pinga-Fogo!

—Acontefe que o finhô bota medo com feus tiro e leva af coisaf do pofo, capitão. O pofo tá canfado diffo — confessou Severino.

—Vosmecê fale direito senão acabo de cortá vossa língua. — Raimundo apontou a pistola para Severino.

—Num é preciso, capitão. — Justino afastou seu secretário da direção da pistola. —Perdoe essa póbe alma que presta seus singelo serviço a nossa cidade.

—Cuma eu ia dizendo: vosmecê trate de botá esse delegado lá dênto da cadêa e mande ele prendê os cabra safado dessa cidade. Inclusive vosmecê que dêxa essa muié bonita em casa pra ficá visitando o cabaré de Nelita Be-

rentina.

Manuela Tereza riu meneando a cabeça.

—Capitão, falemos de assunto de vosso interesse — sugeriu Justino. —Uma esposa sempre sabe dos segredo de seu marido.

—Entonce o sinhô prefeito acoloia o bandido dênto de vossa casa — disse o delegado Cornélio irrompendo na sala, sozinho. Virou-se para trás para se certificar de quantos cangaceiros estavam ali. O homem baixo e de bigode escuro vestia um terno negro e chapéu da mesma cor. Uma pistola pendia em sua mão direita. Manuela Tereza percebeu que o delegado tremia a perna esquerda.

Ao perceberem o pequeno homem, os jagunços de Raimundo sacaram suas espingardas apontando para o delegado. Um sinal do capitão e o delegado caía morto no chão.

—Delegado Peixoto, sua presença nos anima nessa noite — disse o prefeito sorrindo se aproximando da autoridade para comprimentá-lo.

—Dêxe esse fio duma égua com eu, jagunços — ordenou o capitão aproximando-se do delegado. Os jagunços recolheram as armas.

—Mas isso é uma farta de respeito com a autoridade. Posso lhe prendê nestante, seu bandido — ameaçou o delegado levantando os olhos para o capitão.

Raimundo caiu na gargalhada para a alegria de seus jagunços. Logo ficou sério.

—Eu quero vê quem é o corno que vai me botá na cadêa — disse seriamente. —Vosmecê num sabe com quem tá falando, seu tamborete de forró! Espia o tamanho do hômi!

Os jagunços gargalharam.

—Sô o novo delegado de Vila Bonita. Cornélio Peixoto!

—Mais um corno que qué enfrentá o capitão. Tem corno inté no nome — comentou Pinga-Fogo rindo.

—Vosmecê já deve sabê que foi eu que matô o derradêro delegado que me desafiô no cabaré de Nelita Berentina. Pra matá outro num espero nem vosmecê me pedí clemência.

Raimundo apontou a arma para o delegado.

—Me respeite, capitão! — Cornélio apontou sua arma com a mão trêmula. —Sô um delegado...

—Num respeito nem a quenga que lhe pariu, quanto mais um corno que num para de tremê a pistola com medo de morrê sozinho. Cadê os frôxos de seus sargento?

Manuela Tereza entrou no meio do capitão e do delegado.

—Por favor, senhores, se acalmem. Já que os dois foram apresentados, que tal tomarmos um refresco para acalmar os ânimos? Assim poderemos conversar com mais calma sobre a importância de vossas figuras para a cidade.

Raimundo baixou a arma, satisfeito.

—Aceito, primêra-dama. — Olhou para o delegado: —Só num lhe mato agora em respeito a muié do prefeito.

—Delegado Cornélio, agora que o sinhô já sabe que o capitão é defensô da cidade, num atrapaie mais com seus sargento quando ele chegá por aqui de novo — falou o prefeito, pacificador. —O capitão Raimundo gosta de animá o povo com suas pistola.

—Fim, feu delegado — concordou Severino. —O pofo inté admira a forfa e coragem do capitão.

—Num foi isso que o sinhô me disse quando me chamô pra delegá nessa cidade, seu prefeito.

—E o que foi que o prefeito andô falando pro tôco de amarrá jegue? — Raimundo apontou a pistola para o prefeito em busca de respostas.

—Capitão, num dê importância ao que eu falo — respondeu Justino, trêmulo. A testa voltou a suar.

—Desde quando lhe dô importância, seu frôxo? Só venho a vossa casa pro causa da primêra-dama que é mais corajosa que vosmecê e seu secretário junto.

—Ora essa, a cidade sendo atacada por bandidos e o prefeito resolve fazer uma festa. Quem são esses, Manuela?

Todos voltaram a atenção para a figura de Afonso que irrompia na sala, surpreso com o magote de gente na mansão.

—Eu é que lhe pergunto: quem é vosmecê, cabra, pra chamá meus jagunço de bandido? — indagou Raimundo apontando a pistola para Afonso. —E

fale direito com a primêra-dama.

—O que falei de errado com a minha irmã, senhor?

—Primêro que eu num sô sinhô. O Sinhô tá no céu. Sô o hômi mais perigoso desse sertão: capitão Raimundo Ferreira, fio de Chico de Mané Vermêio. E segundo, que vosmecê num se parece nadinha com a primêra-dama.

—Concordo com vofmefê, capitão — disse Severino.

—Sou da capital, Raimundo. Irmão da primeira-dama por parte de pai. É natural que não sejamos parecidos.

Raimundo fitou Afonso dos pés a cabeça.

—Afonso foi o engenhêro que fez o prédio da prefeitura, capitão — disse o prefeito, contente.

—Impressionante como o senhor tem muitos homens — falou Afonso, observando os cangaceiros inexpressivos. Manuela Tereza também se surpreendera quando vira os jagunços do capitão pela primeira vez. Havia muitos anéis em seus dedos, cartucheiras a tiracolo, um lenço colorido amarrado ao pescoço e o chapéu de couro imponente com seus belos enfeites prateados. Diferente da capital, no sertão eles andavam armados para cima e para baixo.

—Dêxe de conversa besta, seu cabra. Sô lá hômi pra tê hômi. Aí são meus jagunço de confiança. Uma palavra minha e eles lhe capam nesse instante.

—Imagino que sim. — Afonso esboçou um sorriso cortês. —Perdoe minha ignorância. Não estava acostumado com tanta violência.

—Apois vá logo se acostumando que aqui é terra de cabra macho matadô.

—Este é o meu irmão Afonso de Oliveira, capitão — prontificou-se Manuela Tereza, sorridente. —Acaba de chegar à cidade. Passará um bom tempo aqui conosco. Não tenha desconfiança, você acaba de ganhar mais um amigo. Já que estamos todos reunidos, que tal comermos alguma coisa?

—Tô doido mais é pra trepá com as cabrita de Nelita Berentina.

Os jagunços caíram na gargalhada, animados com a noite que estava por vir.

Zezinho

Quando as pernas pediram arrego, ele parou. Pela direção que tomara, devia estar na Estrada da Barra. Não sabia com exatidão, isso também não importava naquele momento. A dor do cansaço se misturara a dor de saber quem matara seus pais.

Aproximou-se de um pé de catingueira e sentou-se no chão, aconchegando as costas no caule da árvore. Tirou o chapeuzinho de couro surrado e encostou a cabeça na madeira. Mesmo com os olhos fechados, as lágrimas escorriam em seu rosto suado e cansado.

Tinha saído da Baixa Funda nas carreiras. Quando ouvira da boca de Seu Benevido que o capitão Raimundo Ferreira matara seus pais, não pensou em outra coisa que não fosse sair de casa e ir atrás do desgraçado. Deixou os gritos de Toinho e sua madrinha para trás. Não podia ouvi-los nem voltar atrás. Tinha decidido que acharia o assassino e o mataria sem dó nem piedade.

A noite estava iluminada pela lua cheia. Ela conduzira seus passos desde o momento que saíra da casa de Seu Benevido. Sentado sob a catingueira, ele chorava sem parar. Não sentia remorço por deixar Toinho, sabia que ele seria bem instalado na casa de sua madrinha. Se saísse vitorioso de seu embate com o capitão, voltaria para a casa de Seu Benevido para ficar com o irmão. Naquele momento, o que ele mais desejava era se encontrar com o capitão e vingar a morte de seus pais.

Fora besta por acreditar que o desgraçado lhe ajudaria. Se mostrasse a peixeira para o capitão, não tinha dúvidas de que o homem lhe mataria por saber que estava com sua Bendita. Mas agora ele não precisava de ninguém,

sabia quem matara seus pais, encontraria o capitão e, com a mesma coragem e valentia, degolaria o desgraçado que tirara a vida de Maria e Chico.

Era sua sina. Seu destino só se cumpriria quando matasse o capitão.

Sua mãe nunca gostara da noite. Das trevas. A noite tinha sido feita para as coisas que não prestavam, dizia ela. Saíra bruscamente, deixando seu irmão para trás, sem se lembrar das palavras de Maria. Apesar dos sons da caatinga, ele não teve medo. Aprendera a não ter medo quando descobriu o verdadeiro assassino de seus pais. Precisava ser corajoso para enfrentar a noite e a fúria do cangaceiro.

Ao longe, as corujas piavam. Uma aragem balançava as folhas e os galhos da vegetação. Uma brisa indistinguível se aproximou arrepiando seus braços. Limpou as lágrimas com as costas das mãos para ficar atento aos movimentos. Não viu nada, nem ninguém. As corujas tinham parado. Nada mais se ouvia. Até a aragem tinha se dispersado. Começou a ficar inquieto com a aflição da surdez.

Uma sombra se aproximou ligeira. Suas costas estalaram de medo. Segurou no punho da peixeira com firmeza. Se alguém ou algum bicho lhe quisesse fazer o mal, atacaria com a faca.

—Passe direto e me dêxe em paz — aconselhou Zezinho com a voz trêmula.

A sombra não respondeu. Parara de se aproximar quando ouviu a voz do menino. Voltou por onde tinha vindo sem fazer nenhum barulho. Zezinho aliviou-se e respirou profundamente. Seu coração acelerava descompassado. Quando ficara mais calmo, a sombra parou ao seu lado. Ele sentiu. Podia ouvir a respiração do que quer que fosse. O arrepio voltara e suas costas travaram no caule da catingueira. Era incapaz de mexer os olhos arregalados.

—Num tenha medo, menino — disse a sombra.

Era a voz de um homem, grossa e suave, quase conhecida. Quando teve a coragem de olhar para o dono da sombra, viu que era um velho de cabelos bracos e barba espessa também branca, os fios longos e embaraçados iam quase aos peitos. Estava sentado do seu lado com um cachimbo apagado na boca. Usava um molambo negro sobre o corpo delgado. Sorriu para Zezinho quando seus olhos se encontraram.

—Quem é vosmecê? — Zezinho perguntou aliviado. Um velho não poderia

lhe fazer mal.

—O segredo num é quem eu sô, mas o que eu posso fazê por vosmecê. — Ele levantou as sobrancelhas, quase sorrindo, a voz dificultada pelo cachimbo preso nos beiços. —Tô doido pra fumá!

Zezinho ficou injuriado. Não queria conversa com aquele velho que se recusava a dizer quem era, e ainda vinha com aquela conversa do que poderia fazer por ele. Devia ser um pai de família caducando e que tinha se perdido na caatinga.

—É mió o sinhô vortá pra casa senão seus fio vêm atrás de vosmecê. — Zezinho olhou para a lua, dispensando-o. Guardou a peixeira embaixo da coxa direita.

O velho sorriu. A risada era simpática. Zezinho até queria sorrir também.

—Num tenho fio, nem casa, assim como vosmecê que só tem um irmão na Báxa Funda.

Zezinho franziu a testa, virando-se para o velho.

—Oxente, num conheço o sinhô e vosmecê sabe que dexei Toinho na casa de Seu Benevido.

O velho olhou para o céu.

—Sei de muitas coisas, menino. Sobre tudo, sobre todos.

Lá vinha ele com aquele falatório esquisito.

—Sabe nada, hômi! Tá com conversa. Entonce diga aonde tá painho e mainha. Quero vê vosmecê dizê.

O velho pareceu se entristecer.

—Me mandaram levá eles antes da hora. Num posso dizê onde tão, mas lhe garanto que eles num tão mais vivos. Estou errado?

Zezinho esbugalhou os olhos lentamente. Pois não é que o velho caduco sabia mesmo.

—Oxente, cuma é que o sinhô sabe disso? Nunca lhe vimos naquelas banda de Ranchinho Novo.

O velho tirou o cachimbo da boca e escarrou, cuspindo longe.

—Posso tá em todo lugá, é só me chamarem.

—Danô-se. — Zezinho curvou os lábios. —Vosmecê num tem nome? O sinhô é o quê pra lhe chamarem? — Antes de permitir que o velho respondes-

se, Zezinho continuou, matando o segredo do homem: —Entonce, só pode sê um páde! Que nem o Páde Antôin. — Ao soar o nome do padre, lembrara-se de suas últimas palavras quando esteve em Baixa Funda.

O velho sorriu. Botou o cachimbo de volta nos beiços.

—Vosmecê tá triste proquê não pôde obedecê o que ele lhe disse, num é?

—Eita, que o sinhô tá com uma conversa besta. — Zezinho repreendeu-o, inconformado. —Ele num me disse nada.

—Se aquéte, menino. — O velho irritou-se. —Num tô aqui pra lhe jurgá.

—E qué o quê com eu?

—Coisa simples. Nada que lhe dê trabaio. Mas antes quero fumá, vamos atrás de fogo.

Ao responder-lhe, o velho levantou-se com dificuldade. Esticou a coluna para se aprumar em pé. Suspirou.

—Oxente, num saio daqui se o sinhô num me dissé o que qué — atalhou Zezinho, firme.

O velho virou-se para o menino.

—Vosmecê vai... quando eu lhe dissé como vai tirá a vida do capitão.

Zezinho levantou-se num sobressalto.

—Oxente, o que é que o sinhô sabe sobre o capitão? Num quero tirá a vida de seu ninguém — mentiu ele.

—Tá mentindo, menino! — esbravejou o velho. —Vosmecê prometeu que ia arrancá a cabeça do cangacêro com a Bendita dele.

Zezinho engoliu em seco. Como é que aquele velho sabia de seus desejos?

—Oxente, o sinhô tá é caducando. — A voz saiu trêmula.

—Vosmecê e seu irmão Toinho brigaram por um pedaço de rapadura no mermo dia que encontraram o pai e a mãe no chão do terrêro, ensanguetados. Enterraram os pais no quintale e partiram para a Baxa Funda buscá abrigo na casa de sua madinha Joana. Antes de chegarem, passaram na casa de Mãe Culaça e foram bajulados pela criada Maroca. Saíram de lá com mais coragem pra chegá na fazenda. Esfomeado e teimoso coma uma mula, Toinho, seu irmão, entrô numa roça alêia e pegô babão. Vosmecê com medo, num entrô. Quando os donos descobriram que tinha intruso na roça, atiraram e estrumaram os cachorros. Falando no bicho, desde esse dia que vos-